

NOTA EDITORIAL

Seja-nos permitido evocar nestas primeiras linhas da *Nota de Apresentação* do número da primavera de 2019 da **Revista Filosófica de Coimbra** uma ocasião marcante da vida recente da Secção de Filosofia: o Jubilamento Académico do Sr. Professor Doutor António Manuela Martins. Membro fundador da nossa Revista, foi pelo seu punho que se firmou, da parte do então Instituto de Estudos Filosóficos, o feliz momento de nascimento da **Revista Filosófica de Coimbra** sob o patrocínio, pleno de elevação e generosidade, da Fundação Eng.º António de Almeida. Distinto e muito respeitado professor, figura generosa e de elevados padrões, o Sr. Doutor António Manuel Martins publicou – e, estamos certos, continuará a publicar – na nossa Revista trabalhos de relevo que, pela sua importância, são procurados e lidos por renovadas gerações de estudantes e investigadores. Em tais textos facilmente se descortina o perfil de investigador atento, minucioso e de rara curiosidade intelectual que a Revista Filosófica de Coimbra deseja celebrar nesta ocasião. O presente número é-lhe dedicado.

Elenque-se agora, com a brevidade exigida pelo espaço exíguo de uma *Nota* expositiva inicial, o rico e plurifacetado conjunto de trabalhos acolhidos nas páginas deste número. A secção de “Artigos” é aberta por um trabalho da autoria de Cláudia Drucker e dedicado ao tema da obra de arte musical no contexto do pensamento de M. Heidegger. A estratégia teórica seguida no artigo é a seguinte: estender ao caso da música, quase nunca citada por Heidegger, o que sobre a obra de arte, e nomeadamente sobre a poesia e as artes plásticas, o filósofo alemão ensinou. Segue-se o texto de Edmundo Balsemão Pires, colaborador assíduo da nossa Revista. Nesta ocasião, propõe-nos o autor, com a profundidade, vigor de análise e riqueza de referências que caracterizam o seu original labor filosófico, um trabalho situado na confluência de um conjunto de temáticas das quais é indisputado especialista: comunicação, percepção, técnica e *media*. O terceiro texto publicado nesta secção é da autoria de Luis Álvarez Falcón, reputado fenomenólogo espanhol da Universidade de Saragoça. Discípulo de Ricardo Sanches Urbina, Luís Falcón propõe-nos uma “aproximação fenomenológica” ao conceito de “corpo intermediário”. Mais precisamente, trata-se de analisar fenomenologicamente uma “subjetividade média” que corresponde, nos termos

em que Marc Richir se lhe referiu, ao nível das *Phantasias perceptivas*. Segue-se o trabalho de Maria Luísa Portocarrero com o título “Ecos do Religioso na Filosofia de P. Ricoeur: a poética da revelação”. A autora, especialista de craveira internacional da obra do filósofo de Valence, propõe aqui aos seus leitores fiéis e demais interessados no pensamento hermenêutico, com assinalável clareza e originalidade, uma via hermenêutica atual de acesso ao fenómeno religioso, tal como se esboça no trabalho de P. Ricoeur no cruzamento entre o tema da poética e da narrativa e entre o tema da verdade e da revelação. O quinto texto publicado neste número merece todo o destaque e seria certamente difícil exagerar a sua importância. O autor, Mário Jorge de Carvalho, é sem dúvida alguma um dos pensadores mais vigorosos, densos e lúcidos do panorama filosófico português contemporâneo. Neste número publica-se um seu trabalho que se foca sobre o primeiro estásimo de Antígona e pretende entender o seu significado filosófico profundo. A novidade, força e minúcia da análise proposta prenderá o leitor mais exigente ao longo das quase cem páginas do artigo. Por feliz coincidência segue-se-lhe o trabalho de mais um nome cimeiro do pensamento filosófico português contemporâneo. Referimo-nos a Nuno Ferro, pensador original e profundo que, nesta ocasião, publica nas nossas páginas um trabalho com o título “*Déguisement e Duperie* nas Máximas de La Rochefoucauld”. O título é sugestivo e o trabalho apresentado, de enorme riqueza e inquestionável importância, de modo algum defrauda o que logo em tal titulação se adivinha de estimulante.

Neste número 55 do volume 28 da **Revista Filosófica de Coimbra** volta a abrir-se a secção de “Tradução”. Desta volta preenche tal secção um trabalho de Federico Ferraguto que traduz e comenta “A Doutrina da Ciência nos seus contornos gerais” exposta por Fichte.

Uma derradeira menção deve ser feita à nossa habitual secção de “Recensões” que, uma vez mais, é bem preenchida com um assinalável número de propostas. Apresentam-se aqui, de facto, obras recentes de interesse, a saber: o novo livro de Anne Devarieux sobre M. Henry e Maine de Biran, o trabalho de Myriam Bienenstock sobre Hermann Cohen e Franz Rosenzweig, as obras de Mário Vieira de Carvalho e Ricardo Petracca sobre questões musicais, a nova publicação de Frédéric Gros e o anúncio da publicação de um novo volume da edição crítica das obras de Schelling. Os motivos de interesse são, pois, amplos e variados e estamos seguros que apelarão ao leitor mais exigente.

Luís António Umbelino
Diretor